

ANÁLISE DAS DINÂMICAS SOCIOESPACIAIS NO LARGO DO AROUCHE: UM ESTUDO SOBRE A DIVERSIDADE.

Yuri Pinto Lima (IC) e Débora Sanches (Orientador)

Apoio: PIBIC Mackenzie

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo principal analisar as dinâmicas socioespaciais contemporâneas no Largo do Arouche, localizado no centro da cidade de São Paulo. O espaço se tornou um polo de diversidade de usos e de pessoas, dentre elas, a comunidade LGBTQIA+, cuja presença enfrentou vários conflitos na última década, o que evidencia a importância de estudar os impactos causados na comunidade. O referencial teórico buscou a aproximação com o território e a comunidade e as problemáticas que ela enfrenta na cidade. Foi realizada uma análise in loco através da técnica urbana da deriva situacionista, um procedimento psicogeográfico, que foi complementada por conversas informais com frequentadores. Dados quantitativos e qualitativos foram coletados e convertidos em mapas e uma colagem para elucidar a análise. A investigação apontou que a presença da população mantém-se forte, reivindicando seus direitos civis e preservando a sua relação intrínseca com o território. Dessa forma, a pesquisa contribui para firmar o protagonismo da comunidade na dinâmica urbana do Largo do Arouche e para futuras políticas urbanas.

Palavras-chave: Diversidade. Dinâmica socioespacial. Largo do Arouche.

ABSTRACT

The fundamental objective of this article is to analyze the contemporary socio-spatial dynamics in Largo do Arouche, located in downtown São Paulo. The space became a center of diversity of uses and people, which includes the LGBTQIA+ community, whose presence has faced several conflicts in the last decade, highlighting the importance of studying the impacts caused in the community. The theoretical foundation focused on approaching the studied territory, the community and the problems they face in the city. An in loco analysis was carried out using the *dérive's* urban technique, a psychogeographical procedure, that was complemented by informal conversations with regulars. Quantitative and qualitative data were collected and converted into maps and a collage to elucidate the analysis. The investigation pointed out that the presence of the population remains strong, claiming their civil rights and preserving their intrinsic relationship with the territory. Thus, the research contributes to establishing the community's protagonism in the urban dynamics of Largo do Arouche and for future urban policies.

Keywords: Diversity. Socio-spatial dynamics. Largo do Arouche.

1. INTRODUÇÃO

Localizado no distrito da República, área central da cidade de São Paulo, o Largo do Arouche é uma praça conhecida na história paulistana, através do famoso mercado das flores, das suas esculturas e da *sitcom* “Sai de baixo”, produzida pela TV Globo¹. Recebeu este nome por conta do tenente-general José Arouche de Toledo Rendon, que era proprietário de grande parte da área hoje denominada Vila Buarque e, originalmente, funcionava como um campo para treinamentos militares. Durante o último século, o espaço acompanhou as mudanças econômicas, sociais e culturais da capital paulista, foi transformado conforme a implantação do Plano de Avenidas e tornou-se um ambiente boêmio, predominantemente de uso misto.

A pesquisa teve como objetivo geral analisar as dinâmicas socioespaciais existentes no Largo do Arouche, ou seja, quaisquer atividades exercidas por um grupo de pessoas nesse território. Assim, o recorte adveio a partir dos frequentadores que historicamente, se apropriaram da região para desenvolver suas maneiras de sociabilidade, consumo, trabalho e lazer. O espaço atraiu muitos públicos, dentre eles, destaca-se a presença de membros da comunidade LGBTQIA+². No decorrer do último século, a comunidade desenvolveu uma relação socioespacial com o Arouche que acarretou em uma forte identidade com o território. Lá também há uma grande concentração de estabelecimentos voltados ao público, além de ser o palco de diversas manifestações culturais da comunidade.

Dentro desse contexto, o interesse pela pesquisa parte dos questionamentos acerca da participação e do protagonismo das populações marginalizadas na produção da cidade e de suas reivindicações. De fato, recentes acontecimentos da região central de São Paulo, tais como os investimentos imobiliários, os projetos de requalificação urbana, e os desdobramentos econômicos e sociais do período pós pandemia de Covid-19 (SARS-CoV-2), forçaram espaços públicos democráticos a se modificarem, configurando disputas pelo território.

A pandemia de Covid-19, que forçou o isolamento social no Brasil a partir de março de 2020, impactou fortemente o centro da cidade de São Paulo. Desde então, diversos estabelecimentos encerraram suas atividades, sendo os segmentos de comércio, varejista e lanchonetes alguns dos mais afetados. A crise sanitária impactou na segurança pública e a violência na região central aumentou significativamente desde então (SOLDI, 2023).

¹ Episódios exibidos entre 1996 e 2002.

² A sigla refere-se, respectivamente, a Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transgêneros, Queers, Intersexuais, Assexuais e mais, que representa outras pessoas dissidentes da normativa de gênero e sexualidade. Apesar de existirem outras composições de sigla mais atuais, a pesquisa optou pela mais utilizada por organizações voltadas à comunidade e por questões práticas de escrita.

Em 2017, a gestão do ex-prefeito João Dória anunciou o projeto de requalificação do Arouche, assinado pelo escritório Triptyque e administrado pela Associação Viva O Centro. O projeto se envolveu em algumas polêmicas, principalmente em relação ao quão preservado seria o desenho original da praça, o que acarretou em impedimento nas obras pelo Ministério Público. Além disso, não houve processo participativo extenso de escuta com os moradores, comerciantes e frequentadores, conforme o líder do Coletivo Arouchianos, Helcio Beuclair, a comunidade LGBTQIA+ não se sentiu contemplada com o projeto por não dar visibilidade suficiente a sua ocupação histórica no espaço (CANDIDO, 2019).

Nota-se que os membros da comunidade frequentadores da praça, nas últimas décadas, representam uma parcela de menor poder aquisitivo e mais marginalizada, grande parte constituída de pessoas negras e periféricas, moradores em situação de rua e trabalhadores e trabalhadoras do mercado sexual (VICENTE, 2015). Logo, devido a lógica das requalificações estar relacionada à ideia de que um espaço está deteriorado, os grupos citados acima representam os primeiros a serem afastados, já que sua presença é considerada “desqualificadora” dos espaços (ALVES, 2011).

Ademais, vale refletir sobre a proximidade da Agenda 2030, e quais são os desafios para atingir a melhoria na qualidade de vida da população mundial, sobretudo ao tema da justiça em relação à violência representada na homofobia. E também os avanços com os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS), principalmente: 16 - Paz, Justiça e Instituições Eficazes: Promover sociedades pacíficas e inclusivas para o desenvolvimento sustentável, proporcionar o acesso à justiça para todos e construir instituições eficazes, responsáveis e inclusivas a todos os níveis; 11 - Cidades e comunidades sustentáveis: Tornar as cidades e comunidades mais inclusivas, seguras, resilientes e sustentáveis (Organização das Nações Unidas, 2023).

Perante o exposto, a investigação tem como questionamento se os membros da comunidade continuam a frequentar a região do Largo do Arouche mesmo diante das adversidades ocorridas na última década? O objetivo específico se concentrou em compreender os impactos sobre a população LGBTQIA+ frequentadora do Arouche em relação a sua disputa por reconhecimento na apropriação do espaço, através da análise quantitativa e qualitativa das dinâmicas socioespaciais contemporâneas que se realizam no território. A partir disso, o presente artigo torna-se relevante como uma ferramenta de apoio nas reivindicações desse grupo, historicamente deixado à margem, colocando-os como um dos protagonistas de relações socioespaciais e, conseqüentemente, firmando-os como uma população relevante na dinâmica urbana do Largo do Arouche.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. ESPAÇO PÚBLICO, URBANIDADE E DIVERSIDADE

O conceito de espaço público é assinalado dentro do território urbano como o espaço de uso comum e posse coletiva que pertence ao poder público, de certa forma, conhecemos a cidade a partir desse espaço, também o local da ação política (SERPA, 2004). Por conta do seu caráter coletivo e acessível, os espaços públicos são os locais onde se encontram uma diversidade de pessoas. Fato que, por muitas vezes, implica em conflitos na vida urbana que conduzem pessoas diferentes a desfrutarem civilizadamente de um mesmo território. Uma vez que essas interações são realizadas no espaço público, desenvolve-se uma relação nítida entre ele e a urbanidade, ou seja, as experiências advindas do encontro entre pessoas que não se conhecem reproduzem a síntese da civilidade. Assim, os espaços públicos são os locais que completam a experiência pessoal urbana, transformando as pessoas e sendo transformado por elas (CALLIARI, 2016).

A qualidade de um espaço público está relacionada com o grau de diversidade que existe nele. Uma via movimentada consegue garantir mais segurança à população do que uma via deserta, logo, quanto mais multiplicidade de usos e de pessoas houver no espaço, mais seguro ele será e, conseqüentemente, vivo e democrático (JACOBS, 2011). A partir dessa ideia, Gehl (2015) discorre que tal qualidade é fortalecida conforme a percepção da escala humana, isto é, a experiência da cidade é mais vantajosa a partir do que é perceptível ao caminhar, ao percorrer distâncias curtas, da disponibilidade de exercer atividades não obrigatórias e espontâneas, além da oportunidade de permanecer nos espaços por um longo período. Somado a isso, a infraestrutura urbana existente é um fator relevante para que a sociabilidade num espaço público seja feita de forma segura e proveitosa.

O conceito de amabilidade urbana também surge como um dos potencializadores de vitalidade no espaço público: trata-se da realização de uma intervenção temporária que promove maior interação entre as pessoas, promovendo a coletividade e opondo-se ao individualismo característico da contemporaneidade. Assim, a amabilidade é aplicada quando ocorre sobre o espaço potencialmente atraente uma intervenção efêmera bem-sucedida (evento, intervenção em mobiliário urbano, atividades artísticas) que passa a fazer parte da memória coletiva do lugar (FONTES, 2011).

Uma vez compreendido o espaço público e suas características, a pesquisa buscou reconhecer os conceitos relacionados à tipologia da praça pública. Ela funciona como um ambiente que é, ao mesmo tempo, construção e vazio, “(...) não é apenas um espaço físico aberto, mas também um centro social integrado ao tecido urbano” (ALEX, 2008, p.23), que detém sua importância devido a sua presença contínua na vida urbana. O acesso a praça é

um fator relevante para sua apropriação, separado entre físico, visual e simbólico, resume-se respectivamente pela existência de barreiras físicas, pelo impedimento da visibilidade em todos os ângulos e pela presença de elementos que fecham o espaço (ALEX, 2008).

Dentre as praças analisadas por Sun Alex (2008), o Largo do Arouche representa a praça com maior diversidade de usuários, dado grande parte pelo seu caráter acolhedor e convidativo. Ele é constituído de duas praças contrastantes, conforme apresentado no mapa 1, denominadas setores: o setor 1 refere-se a praça maior, triangular, situada ao norte (próximo a Av. Vieira de Carvalho) enquanto o setor 2 diz respeito à parte retangular situada mais ao sul (próximo a rua Rego Freitas). O autor completa expondo que o setor 2, que foi fragmentado pelo sistema viário, é tratado com maior descaso perante a administração pública do que o setor 1 (ALEX, 2008).

2.2. A OPRESSÃO CONTRA O “DIFERENTE” NAS CIDADES

Existe uma dificuldade da sociedade ocidental em conviver com o diferente no território urbano. Funcionando como um cenário para o contraste entre a mixofilia e a mixofobia - respectivamente, o interesse pelo convívio com a diversidade e a aversão ao diferente -, as cidades são os espaços que produzem “gente supérflua”, aquelas consideradas fora da norma vigente que não estão adequadas ao sistema capitalista e acabam por serem evitadas pelo resto da sociedade (BAUMAN, 2009). A exemplo dos imigrantes e refugiados, é perceptível como essa atuação recai nos grupos conhecidos como “minorias sociais”.

A escritora canadense Leslie Kern (2021), influenciada pelas escritoras da geografia feminista, descreve que opressão frente as mulheres está intrinsecamente ligada ao modelo de construção das cidades. Os interesses do homem, branco, cisgênero e heterossexual, tornaram-se padrão para a evolução urbana e, por mais que a cidade em si não crie conscientemente essas relações de poder, ela ajuda a reproduzi-las, ideia traduzida pela autora como o patriarcado escrito na pedra. Assim, qualquer indivíduo que não se encaixe nos moldes desse padrão está sujeito a ser oprimido no território urbano.

Dentro desse contexto, surge o conceito de Direito à Cidade que corresponde ao direito coletivo de transformação da cidade a partir dos desejos e anseios da população e é fundamental para entender a atuação de grupos minoritários. O capitalismo e a urbanização estão conectados na medida em que o primeiro produz os excedentes de produção exigidos pelo segundo e, se a urbanização é um fenômeno de classe, àqueles que não detém o excedente de produção são excluídos do processo de planejamento. Dessa forma,

compreende-se que a violência urbana sofrida por esses grupos está relacionada a negação do seu direito à cidade (HARVEY, 2014).

Grupos ligados à Aliança pelo Direito à Cidade são basicamente formados por moradores de baixa renda em comunidades negras que lutam pelo tipo de desenvolvimento que vá de encontro a seus desejos e necessidades, pessoas sem-teto que se organizam por seu direito à moradia e aos serviços básicos e jovens negros LGBTQ que lutam por seu direito à segurança nos espaços públicos (HARVEY, 2014, p. 21).

Assim, a violação de direitos da comunidade LGBTQIA+ possui uma base na lógica capitalista de segregação dentro das cidades contemporâneas:

As cidades do capital são, portanto, espaços “construídos” numa perspectiva de criminalizar os/as trabalhadores/as e os movimentos sociais de resistência. Disseminam-se preconceitos que encontram no ethos burguês oxigênio para sua reprodução. Em relação aos indivíduos com orientação sexual não heterossexual, a cidade se revela na contramão de um espaço para todos. Segmentos da população LGBTQ são rotulados e submetidos a viver silenciados e invisibilizados em sua expressão afetivo-sexual ou podem se expressar em espaços bastante específicos, privados e mercantis (SILVA; SANTOS, 2016, p. 510).

O avanço do capitalismo, tendo aval do poder público, foram cruciais para desenvolver a emancipação social e econômica dos indivíduos LGBTQIA+ uma vez que, num movimento de resistência, passaram a reivindicar seus direitos (SILVA; SANTOS, 2016). Fica claro então que, por serem excluídos do processo de planejamento, é através do uso do espaço público que os grupos invisibilizados legitimam sua existência e reivindicam seu direito à cidade.

2.3. CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NO AROUCHE

Apesar de existirem registros da não heteronormatividade (que foge a norma de ser e agir como heterossexual) e da essência da transgeneridade (não identificação com o gênero designado ao nascer) presentes na história da humanidade, a construção de uma identidade (individual e coletiva) atribuída a esses fatores adveio mais precisamente no século XIX. Assim, foi a partir da ideia de desvio da normativa vigente, que se instituiu uma identidade baseada na sexualidade e identidade de gênero, processo determinante para que se saísse de um primeiro momento, no qual a identidade representa uma ferramenta de poder e controle, para a ressignificação e luta política. Apesar disso, trata-se de uma comunidade diversa, com corpos e vivências diferentes, logo é imprescindível que o olhar seja tratado com interseccionalidade, respeitando todos os membros que compõem a sigla (QUINALHA, 2022).

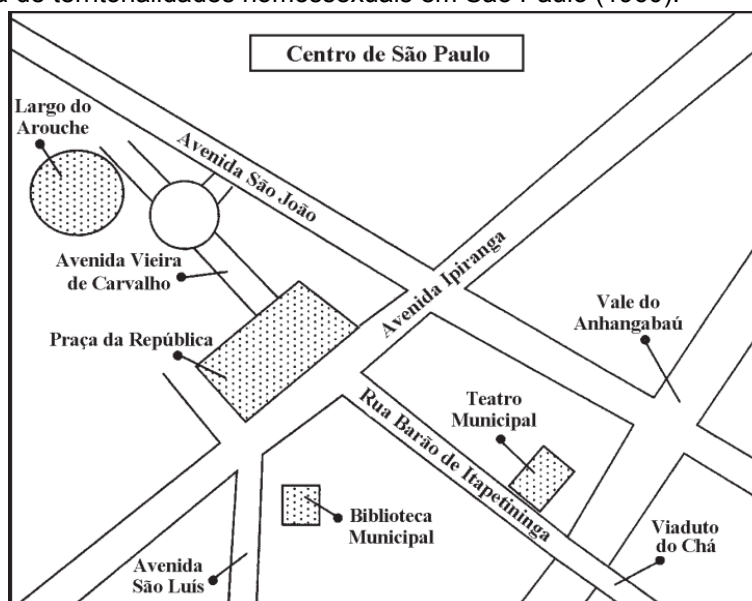
A ocupação de certos territórios por populações específicas, geralmente causadas por questões de segregação, acaba por cair no conceito de gueto, porém essa pesquisa pretende tratar a presença LGBTQIA+ no Arouche como uma mancha ou territorialidade:

É preciso notar também que empreendimentos comerciais e ocupações (essa palavra tem sentido de tomada de espaços públicos ou não por sem-tetos) específicas de regiões da cidade estabelecem diferentes “guetos”, frequentados por sujeitos agrupáveis não somente pela orientação sexual, mas também por sexo, poder de consumo, “estilo”, modo pelo qual expressam suas preferências sexuais e assim por diante. Desse modo, categorias como “manchas” e “circuitos”, que procuram dar conta da lógica de implantação e utilização de aglomerados de estabelecimentos e serviços na paisagem urbana, em diálogo com concepções renovadas de territorialidades itinerantes e flexíveis, parecem ser mais adequadas ao esforço de descrever e dar sentido ao fenômeno do “gueto homossexual” nas grandes cidades brasileiras (SIMÕES; FRANÇA, 2005, p. 2).

Se os membros da comunidade LGBTQIA+ foram, historicamente, deixados à margem, foi através do contato entre seus “iguais”, ou seja, com aqueles que enfrentavam questões similares, que encontraram um certo apoio, constituindo redes de sociabilidade e famílias alternativas (GREEN, 2019). E uma vez que os espaços públicos representam o local onde essa rede pode ser ampliada, a sua apropriação se demonstrou um fator imprescindível para a criação das identidades dessa população.

A notável coexistência e oferta de diversos usos e atividades, o fácil acesso da região e a noção de uma tolerância social velada, abriram espaço para que o Vale do Anhangabaú e o entorno da Avenida São João se tornassem algumas das primeiras territorialidades de homossexuais na década de 1930. Porém, devido aos anos de autoritarismo do Estado Novo, sua presença começou a estagnar. Com a volta do regime democrático, o Largo do Arouche começou a aparecer no mapa dessa territorialidade, ganhando notoriedade na segunda metade do século (GREEN, 2019).

Figura 1. Mapa de territorialidades homossexuais em São Paulo (1960).



Fonte: John Green (2005).

Após os anos 60, a região do Arouche atraía muitas pessoas de classe média e foi denominada como “Boca do Luxo”, em contraposição a região dos Campos Elísios,

conhecida como “Boca do Lixo”, onde se concentravam pessoas mais pobres e marginalizadas, como prostitutas, michês (homens que trabalham na prostituição), travestis, migrantes, entre outros (PERLONGHER, 1987). A região passou por diversas transformações, conforme a efervescência cultural advinda dos movimentos de contracultura (revoltas estudantis de 1968 e a revolta de *Stonewall* de 1969), empresários investiram na abertura de boates, discotecas e saunas, bares exclusivamente voltados ao público foram inaugurados e/ou apropriados, o show de travestis atingiu seu auge e o largo, em meados da década de 1970, virou um ponto de recruta do movimento de militância gay de classe média (GREEN, 2019).

Entretanto, o Arouche também passou a representar um espaço de contrastes: enquanto ao leste, junto a rua Vieira de Carvalho, se encontrava uma parcela mais jovem e abastada, ao oeste, nas imediações da rua Rego Freitas, se concentrava uma população mais diversa, próxima aos bares juntamente com os trabalhadores e trabalhadoras do mercado sexual. Com a mudança do polo econômico para o eixo oeste (avenida Paulista e Faria Lima), os indivíduos de classe média migraram e a parcela mais invisibilizada de pessoas LGBTQIA+ se consolidou na apropriação do largo (VICENTE, 2015). Durante a ditadura civil-militar, ao mesmo tempo em que a presença de homens gays de classe média era parcialmente tolerada contanto que estivessem consumindo, as batidas policiais reprimiram a presença de travestis, lésbicas, michês e homossexuais de classe baixa. Dentro desse contexto, o Largo do Arouche se tornou um lugar de importância para a comunidade por se tornar um espaço de resistência (GREEN, 2019).

Figura 2. Denúncia presente na 26ª edição do periódico “O Lâmpião da Esquina”³.



Fonte: Portal Dignidade.

³Foi um periódico homossexual importante para a história do movimento, abordando os mais diversos temas. Ver edições digitalizadas: <https://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>.

Com a redemocratização, o movimento civil pelos direitos da população LGBTQIA+ ganhou notoriedade. Em 1995, foi fundada a Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos (ABGLT) e, em São Paulo, no ano de 1997, ocorreu a primeira Parada do Orgulho LGBT. Em 2015, um Centro de Cidadania LGBT foi inaugurado no Arouche e, em 2016, foi fundado o coletivo Arouchianos que atua na promoção e defesa dos direitos da comunidade, assim como no reconhecimento do Largo do Arouche como patrimônio imaterial LGBTQIA+.

Apesar dos avanços na garantia de alguns direitos, na última década a comunidade não se absteve de tentativas de opressão e invisibilidade. Segundo Puccinelli (2017), a região da República recebeu, a partir dos anos 2000, cerca de 30 empreendimentos imobiliários com a lógica de “valorizar” a região numa tentativa de “retorno à cidade”. Muitos desses empreendimentos tinham um discurso higienista de afastamento do público existente no Arouche. Ironicamente, o mesmo mercado imobiliário também utilizou da ocupação histórica da comunidade LGBTQIA+ para benefício próprio, exaltando a existência da diversidade em suas propagandas na tentativa de se aproximar de um público consumidor mais abastado, porém se afastando do público real ali presente (PUCCINELLI, 2017).

Assim, a partir dos conhecimentos adquiridos, buscou-se verificar as hipóteses da pesquisa com a metodologia apresentada no próximo item.

3. METODOLOGIA

A metodologia aplicada na investigação foi a de pesquisa de campo, a fim de coletar dados qualitativos e quantitativos acerca das dinâmicas socioespaciais de pessoas LGBTQIA+ que frequentam o Largo do Arouche. Os dados quantitativos foram referentes ao mapeamento dos estabelecimentos voltados ao público e suas territorialidades na região, enquanto os qualitativos utilizou-se a técnica urbana da deriva situacionista, um procedimento psicogeográfico, complementada por conversas informais e anônimas com frequentadores membros da comunidade e nas atividades que ali exercem.

Para melhor compreensão dos temas que abrangem a pesquisa, o referencial teórico dividiu-se em três pilares básicos: O espaço público e a diversidade existente, uma vez que o local estudado trata-se de uma praça pública e seu entorno; a invisibilidade sofrida pela comunidade decorrente dos estigmas que recaem sobre elas; e a construção da identidade LGBTQIA+ no Largo do Arouche a fim de salientar a relação entre o território e o público alvo do estudo. Como maneira de complementar o referencial, foi realizada uma pesquisa sobre os eventos temporários e fixos destinados majoritariamente à comunidade na região. A coleta de notícias de jornais e revistas e de postagens na internet de estabelecimentos e coletivos atuantes no território, evidenciaram discursos relacionados aos processos sociais,

econômicos e culturais ocorridos na última década: a pandemia de COVID 19, o projeto de revitalização do largo do Arouche, e a crescente violência no centro de São Paulo.

A avaliação *in loco* foi norteada a partir de um roteiro compreendendo as principais questões a serem observadas na análise empírica. Ele dividiu-se entre observações a serem feitas na praça e no seu entorno.

Figura 3. Roteiro de avaliação para as derivas.

	Presença	Equipamentos	Atividades	Segurança	Pandemia
Praça	Quais os grupos que frequentam e quais são os horários?	Mobiliário urbano está em bom estado? Há espaços de socialização?	Quais eventos voltados ao público ocorrem? São fixos ou temporários?	Transmite uma sensação de segurança? Há muitas pessoas presentes?	O que mudou em relação a apropriação no período pós pandemia?
Entorno	Quais os grupos que frequentam e quais são os horários?	Há provisão de acessibilidade? Qual é o fornecimento de mobilidade?	Quais serviços dirigidos ao público existem? Quanto custam e em quais períodos funcionam?	Os fluxos de deslocamento são seguros? Possuem boa iluminação?	O que mudou em relação a apropriação no período pós pandemia?

Fonte: Elaboração própria com base na pesquisa bibliográfica.

Uma vez que a presença da comunidade não se dá somente no perímetro da praça e sim no conjunto do seu entorno, foi traçado um perímetro de estudo a partir de um raio de 200m, conforme o Mapa 1, tendo o seu centro no mercado das flores e seguindo a morfologia das quadras mais relevantes apontadas na pesquisa bibliográfica.

Mapa 1. Perímetro da Área de Estudo.



Fonte: Elaboração própria com base em dados obtidos no Geosampa (2023).

A visita de campo foi realizada em dias e horários diferentes para o maior entendimento das dinâmicas que ocorrem no Arouche. A primeira foi feita numa quinta-feira, no período entre 12h-14h, e a segunda no mesmo dia, entre 19h-23h. A terceira visita foi feita no sábado seguinte, no período entre 16h-21h. A caminhada conduziu-se conforme a experiência apreendida nos diversos pontos visitados, de acordo com a deriva situacionista, sem seguir um itinerário.

A deriva situacionista não pretendia ser vista como uma atividade propriamente artística, mas sim como uma técnica urbana situacionista para tentar desenvolver na prática a ideia de construção de situações através da psicogeografia. A deriva seria uma apropriação do espaço urbano pelo pedestre através da ação do andar sem rumo. A psicogeografia estudava o ambiente urbano, sobretudo os espaços públicos, através das derivas, e tentava mapear os diversos comportamentos afetivos diante dessa ação, basicamente do caminhar na cidade (JACQUES, 2003, on-line).

O complemento da análise empírica se deu a partir de conversas informais com pessoas que estavam presentes no momento da pesquisa. Os aspectos éticos para as conversas informais se basearam na escuta imparcial e não discriminatória, no total anonimato e no consentimento livre e esclarecido da pessoa em participar e de conduzir ou não o assunto. Além disso, o acompanhamento das atividades realizadas no mês de Junho (de 2023), conhecido como o mês do orgulho LGBTQIA+, foram de extrema importância para complementar a pesquisa.

Como ato final da pesquisa, foram elaborados produtos gráficos, quatro mapas e uma colagem, para ilustrar o conhecimento apreendido durante a investigação. Os mapas foram elaborados sob a atualização do uso do solo presente no térreo das edificações, uma vez que a área é constituída majoritariamente de uso misto, uma característica determinante para a apropriação da comunidade estudada, como evidenciado no referencial teórico. Dessa forma, a representação das dinâmicas socioespaciais contemporâneas produzidas pela comunidade LGBTQIA+ no Largo do Arouche se tornaram de fácil apreensão e foram devidamente apresentadas no item seguinte.

4. RESULTADO E DISCUSSÃO

Durante a primeira caminhada (deriva) foi observado que a região é ocupada, majoritariamente, por trabalhadores dos diversos estabelecimentos que ali se encontram, idosos caminhando, frequentadores, transeuntes, e moradores em situação de rua. O Arouche apresentou um grande movimento, tanto de carros quanto de pedestres. Muitas pessoas utilizam da cobertura arbórea para se proteger do sol. As lanchonetes, padarias e restaurantes tiveram um grande fluxo de pessoas e não foi observado grandes concentrações de pessoas da comunidade nesse horário, conforme o mapa 2, com exceção dos trabalhadores e trabalhadoras de alguns dos estabelecimentos.

Mapa 2. 1ª Deriva - Quinta-feira, das 12h00 às 14h00.



Fonte: Elaboração própria com base em dados obtidos no Geosampa (2023).

Em relação a praça, como mostra as fotos 1 e 2, no setor 1 é observou-se uma maior cobertura arbórea, uma melhor oferta de mobiliário urbano e um espaço aberto e amplo, enquanto no setor 2 não há bancos ou qualquer mobiliário que promova longa permanência, funcionando basicamente como espaço de passagem e abrigo para alguns moradores em situação de rua. Em ambos os setores não há existência de barreiras visuais, entretanto o acesso ao setor 1 mostrou-se mais proveitoso, principalmente em relação ao cruzamento entre calçadas. Após a realização do projeto de revitalização de 2016, muitos aspectos da proposta não foram realizados, com exceção da troca do piso, da pintura dos canteiros e da instalação de alguns bancos no setor 1. O setor 2 não chegou a ser considerado no projeto e continua a ser ignorado pelas esferas do planejamento.

Foto 1. Visão do setor 1 do Arouche.



Fonte: Yuri Lima, 2023.

Foto 2. Visão do setor 2 do Arouche.



Fonte: Yuri Lima, 2023.

Nas ruas das imediações do largo é possível observar os novos empreendimentos imobiliários sendo construídos. Na rua Rego Freitas, uma placa anuncia a vinda do “IS Vila Buarque”, um empreendimento de *studios*, com apartamentos que vão de 19 a 40m², da construtora MAC. Na cartilha virtual do empreendimento⁴, não faltam elogios ao bairro, “A região mais charmosa do centro”, foram apresentados os pontos turísticos, o histórico da região e sua localização privilegiada. Contudo, não há menções à presença histórica da comunidade naquele território ou referência sobre os estabelecimentos voltados ao segmento LGBTQIA+. Diante disso, a existência desses diversos empreendimentos, que buscam apresentar um novo perfil de morador com maior poder aquisitivo para a região, evidenciam o modelo de cidade que se pretende construir e também colocam em cheque a existência do patrimônio cultural da comunidade que ali se desenvolveu.

Dentre os estabelecimentos presentes no Arouche, destacam-se os diversos brechós. Eles possuem uma relação de afinidade com a comunidade LGBTQIA+, possuem trabalhadores de todos os gêneros, de diversas idades e, também, membros da comunidade LGBTQIA+. Elementos que remetem a bandeira do arco-íris, símbolo da diversidade sexual e de gênero, estão presentes nas peças e entradas dos estabelecimentos, o que transmite uma ideia, como os próprios trabalhadores disseram, de boa vizinhança e respeito. Além disso, o próprio modelo de funcionamento dos brechós, que é através de estandes colaborativas, provoca um oferecimento mais diverso de varejo e, conseqüentemente, serve como um grande atrativo para os mais diferentes públicos que chegam a formar filas que cruzam o quarteirão em alguns fins de semana ou em dias de saldão. Apesar de toda a mudança provocada pela pandemia (fechamento de estabelecimentos e distanciamento social) ou pelo aumento da violência na região, os brechós permanecem em funcionamento e com grande clientela. Segundo algumas funcionárias de dois brechós visitados, a violência na região é mínima, não observado grande incidência de crimes, se sentem seguras durante o expediente, principalmente, por conta dos estabelecimentos abertos no entorno. Esses relatos reforçam a ideia de que o Arouche, por ser um local com grande diversidade de usos, promove a sensação de segurança, pelo menos durante o período da manhã.

A segunda deriva ocorreu no mesmo dia e, mesmo tratando-se de um intervalo de tempo pequeno entre a primeira, o contraste de público e de dinâmicas de sociabilidade são visíveis, conforme mostra o mapa 3. Se no período diurno há uma grande presença de trabalhadores de comércios e serviços como mercados, padarias, restaurantes, brechós e lojas de roupas, durante a noite são os bares e as baladas que dominam o Arouche. A praça

⁴ Ver:

https://mac.com.br/empreendimentos/is-vila-buarque/?utm_source=Google-CPC&utm_medium=cpc&utm_campaign=Institucional&utm_term=is%20vila%20buarque&gclid=CjwKCAjw-vmkBhBMEiwAlrMeF6BiHsbnF-gu9bF4ytNZjRc4QL1n7AGRAFT3BJv0KC1W6cUnjQQRxoCKikQAvD_BwE . Acesso em: 01 mai. 2023.

também se transforma, no caminhar observa-se um espaço usado para descansar e apreciar o verde com dinâmica de convivência e sociabilidade, com pessoas passeando com cachorros, crianças brincando e adultos praticando exercícios físicos.

Mapa 3. 2ª Deriva. Quinta-feira, das 19h00 às 23h00.

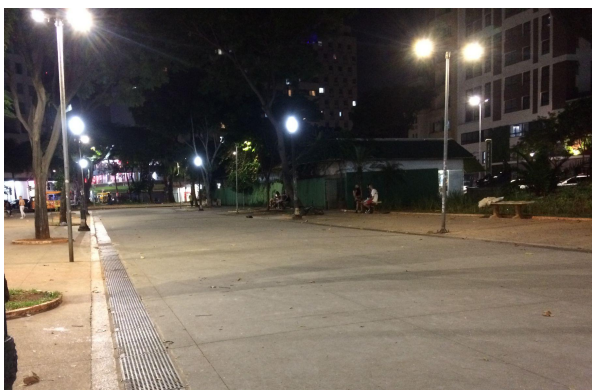


Fonte: Elaboração própria com base em dados obtidos no Geosampa (2023).

Indivíduos do segmento LGBTQIA+ estão constantemente transitando, tanto como clientes ou trabalhadores dos estabelecimentos quanto como pedestres e visitantes. Corpos mais estigmatizados pela sociedade, se tornam presentes na praça e nos seus arredores, como de pessoas trans e travestis. O largo do Arouche ganha um aspecto mais diverso de pessoas com o anoitecer, onde é possível ver diferentes tipos de casais passeando juntos e grupos de mulheres trans socializando, sentadas em um dos bancos da praça, algo não observado durante o período diurno.

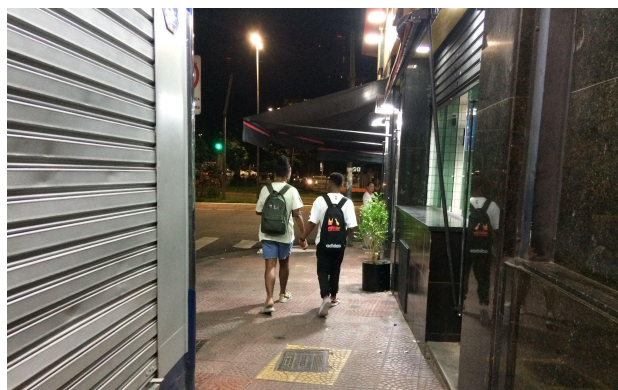
A região apresenta aspectos contrastantes nesse período e cada membro da comunidade se dirige ao estabelecimento focado na sua sigla. Assim, no Arouche observa-se bares com uma clientela majoritariamente de homens gays e bares com a presença de mulheres lésbicas. As mulheres trans e travestis não frequentam esses estabelecimentos como outros membros da sigla. O largo e seus arredores, como a rua Rego Freitas, funcionam como pontos de trabalho para aquelas que atuam no mercado sexual. À noite, cada membro da sigla parece se dirigir ao local dentro do Arouche onde encontra os seus iguais (seja por afinidade ou segurança), se reunindo em nichos, algo já presente durante a história da ocupação do local, como apontado por Green (2019).

Foto 3. Pessoas socializando na praça.



Fonte: Yuri Lima, 2023.

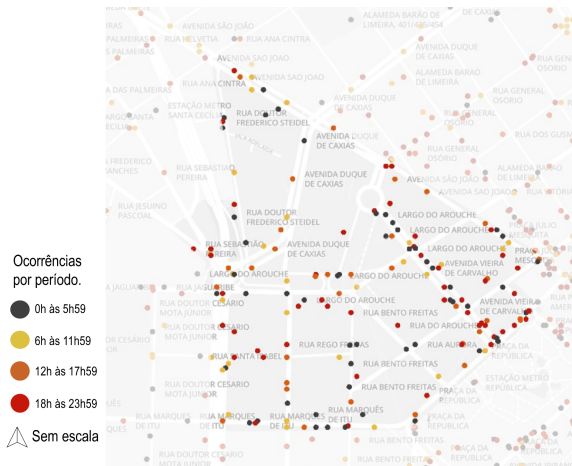
Foto 4. Casal andando de mãos dadas.



Fonte: Yuri Lima, 2023.

Apesar da aparente normalidade da área, alguns depoimentos alertam sobre as mudanças que aconteceram no Arouche. O primeiro vem de um michê que estava sentado no meio da praça. Segundo ele, o fluxo de pessoas LGBTQIA+ têm mudado da última década para cá, pois a praça atraía mais pessoas novas da comunidade. Também, na visão dele, após a pandemia de Covid 19, o Arouche deixou de ser um local onde as pessoas iam para se conhecer, conversar e paquerar e que muitas delas não retornam ao local devido ao medo da violência na região.

Os relatos de dois atendentes de dois bares diferentes, focados no público gay, se assemelham mais à perspectiva do michê do que a das trabalhadoras dos brechós. Os funcionários alegaram a mesma coisa: a região ainda permanece muito insegura, apesar de ter tido um certo aumento do policiamento nos últimos meses. Eles alertam sobre o perigo de andar sozinho ou sem alguém que não conheça a região e disseram que a maior incidência de violência é quando os clientes vão embora do bar e são abordados por gangues que tentam roubar seus celulares utilizando de investidas violentas. A situação levou até a um acordo entre alguns bares, localizados na Av. Vieira de Carvalho, para contratar seguranças privados que ficam de escolta durante a noite e levam os clientes até a entrada da estação de metrô República, conforme a figura 3. Estratégia que parece ter dado certo, já que segundo um cliente de um dos bares visitados, que foi assaltado violentamente um mês antes dessa deriva, só resolveu retornar após o anúncio em conjunto dos bares. Contudo, para ambos os funcionários, o fluxo de pessoas não diminuiu, mas que geralmente são pessoas que já conheciam o local. É interessante observar como mesmo diante da escalada de violência no centro, como mostra o mapa 4, essas pessoas estão constantemente procurando uma maneira de resistir e exercer o seu direito ao lazer, ao encontro e de desfrutar da vida noturna da cidade.

Mapa 4. Furtos e roubos no Centro de São Paulo.⁵ Figura 3. Anúncio do Instagram.

Fonte: ALBERTIN; CANTÃO; MORENO, 2023.



Fonte: Instagram, 2023.

A terceira deriva ocorreu no sábado, conforme o mapa 5, e foi importante para traçar um paralelo entre um dia de semana e um final de semana. Havia mais pessoas transitando nas ruas, garis limpavam as ruas ao redor da praça enquanto crianças brincavam na grama e grupos de pessoas LGBTQIA+ já se concentravam na praça, inclusive de pessoas trans e travestis que, na quinta-feira, só se encontraram no período noturno. Apesar de já haver pessoas nos bares adjacentes no período vespertino, era o interior da praça e seus bancos (setor 1) que mais atraíram o público.

Mapa 5. 3ª Deriva. Sábado, das 16h00 às 21h00.



Fonte: Elaboração própria com base em dados obtidos no Geosampa (2023).

⁵ Mapa retirado do portal G1 (alterado pelo autor), feito com base em dados divulgados pela Secretaria de Segurança Pública (SSP).

Os brechós ganham uma força maior no final de semana, ficam abertos toda a manhã e fecham geralmente às 19h00, com um grande fluxo de pessoas, de ambas as idades. Em conversas informais com alguns funcionários, o Arouche perdeu um pouco do protagonismo para os jovens. Havia bares de *crossdresser*, onde costumavam ir homens discretos e casados, além de uma loja de roupas especializada em atender travestis, tudo isso fazia do Arouche, há aproximadamente uns 15 anos, uma pista de desfile de moda. Para eles, a violência no centro de São Paulo e o fechamento desses diversos estabelecimentos fizeram com que pessoas perdessem o interesse de frequentar.

Com a chegada da noite, os bares ganham força novamente e ficam lotados, com pessoas ocupando diversas calçadas, principalmente da rua Vieira de Carvalho e Bento Freitas. As pessoas da comunidade se encontram em grupos maiores, e há uma presença maior de indivíduos que não sejam homens gays, como observado nas derivas de quinta-feira. Destaque para um grupo de mulheres lésbicas que, a partir da socialização ocorrida no Arouche, criaram um coletivo e retornam lá algumas vezes no mês ou em datas comemorativas. O coletivo já existe a cerca de 8 anos, anteriormente, se reuniam em um bar localizado na Vieira de Carvalho, porém, devido a mudança de horário no fechamento do bar, migraram para outro próximo a rotatória do setor 1. Mesmo diante dos empecilhos causados pela pandemia e pela violência, as mulheres continuaram a se encontrar no Arouche.

Com relação aos outros estabelecimentos voltados para a comunidade, foi possível perceber que as baladas e os cinemas também tiveram seu fluxo aumentado durante o fim de semana. Entretanto, o destaque maior foi na apropriação da praça e das calçadas dos bares e na normalidade com que, assim como o Arouche apresenta usos e edificações múltiplos, uma diversidade de pessoas usufruem do mesmo espaço.

Além das derivas, ocorridas em março de 2023, alguns eventos durante o ano foram acompanhados. Durante o carnaval, um grande número de blocos feitos por e para pessoas LGBTQIA+ se concentrou no largo ou passou por algumas ruas próximas. Já em relação ao mês de julho, conhecido com mês do orgulho LGBTQIA+, ocorreram a 6ª Marcha do Orgulho Trans, onde milhares de pessoas deram a volta no largo clamando por direitos as pessoas trans e travestis; um ato inter religioso, no qual praticantes de religiões diferentes prestaram seu respeito e apoio a comunidade, além da já recorrente base móvel do SUS para teste rápido de HIV/AIDS que ficou, como de costume, estacionada na frente do hotel Chilli. Todos esses eventos trouxeram público consumidor, impulsionaram o turismo e o fluxo de pessoas e de festas para o Arouche, o que valida a força comunidade LGBTQIA+ em promover a amabilidade urbana na região.

Figura 3. A amabilidade colorida.



Fonte: Yuri Lima, 2023.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme a pesquisa realizada que teve como objetivo analisar as dinâmicas socioespaciais contemporâneas de pessoas do segmento LGBTQIA+ no Largo do Arouche, chegou-se a resposta do problema de pesquisa sobre a continuidade da frequência da comunidade no território, mesmo após as adversidades dos últimos 10 anos. Os registros da presença da comunidade no Largo do Arouche, desde a década de 1940, deixou um legado que permanece até os dias atuais. Um local onde, antigamente, era possível se esconder das normas sociais e da repressão do Estado, hoje é um ponto de celebração dos corpos, da identidade, do amor, do trabalho e da organização, seja para lutar por um projeto que não os beneficia, seja para caminhar pelas ruas confortável consigo. Os membros da comunidade ainda, durante sua rotina semanal, se segmentam entre seus iguais, trocando sociabilidade com quem compartilham das mesmas vivências.

A cidade é um organismo vivo e está em constante mutação. Por serem pessoas LGBTQIA+, estão sujeitas a terem suas vozes silenciadas e suas vontades reprimidas. Apesar disso, a cidade representa o espaço necessário para que esses indivíduos consigam exercer seu direito pleno de pertencimento. E então, seja por conta da sua configuração morfológica, pela sua confortabilidade na praça, pela sua diversidade de usos e de estabelecimentos no entorno, ou devido a sua localização privilegiada dentro da cidade, o Largo do Arouche representou, e ainda representa, um espaço que impulsiona esses corpos, seu sentimento de conquista e o seu anseio por viver no espaço urbano.

Contudo, o Brasil, junto de 193 países, se comprometeu a alcançar as 17 ODS da Agenda 2030, e espera-se ações efetivas para a promoção de sociedades pacíficas, inclusivas, seguras e resilientes com acesso à justiça para todos. Em junho de 2023, a Secretaria de Urbanismo e Licenciamento de São Paulo lançou uma consulta pública para requalificação do Largo do Arouche. É imprescindível que qualquer revitalização, requalificação, qualquer (re) deve iniciar com uma profunda pesquisa sobre a dinâmica e a vivência do local e, principalmente, ter mecanismos de escuta de todos os segmentos da sociedade que usam do espaço para que se garanta a pré-existência e promova visibilidade para todos aqueles que fazem o espaço público ser a essência da cidade.

6. REFERÊNCIAS

ALBERTIN, Kayan; CANTÃO, Luciana; MORENO, Ana Carolina. Centro de SP tem 2 furtos e roubos por hora, na maioria, feitos por infratores a pé, e mais frequentes entre 18h e 23h59. **G1**, São Paulo, 21 de junho de 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2023/06/21/centro-de-sp-tem-2-furtos-e-roubos-por-hora-na-maioria-feitos-por-infratores-a-pe-e-mais-frequentes-entre-18h-e-23h59.ghtml>. Acesso em 01 jul. 2023.

ALEX, Sun. **Projeto da Praça: Convívio e exclusão no espaço público**. 2. ed. São Paulo: Senac São Paulo, 2008.

ALVES, Glória da Anunciação. A requalificação do centro de São Paulo. **Estudos Avançados**. São Paulo, v. 25, n. 71, p. 109-118, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/NnWBqhg9SnXFPw3sXkSWnYG/?lang=pt>. Acesso em: 20 mar. 2022.

BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e medo na cidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

Organização das Nações Unidas (ONU). Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável. **Nações Unidas Brasil** Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/91863-agenda-2030-para-o-desenvolvimento-sustentavel>. Acesso em: 20 de jul. 2023.

CALLIARI, Mauro. **O espaço público e urbanidade**. 1ª ed. São Paulo: Bei Comunicação, 2016.

CANDIDO, Marcos. Arouche 100% gay: grupo luta para região de 'Sai de Baixo' continuar LGBT. **Uol**, 2019. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2019/08/25/desde-os-anos-60-e-100-gay.html>. Acesso em: 25 fev. 2022.

FONTES, Adriana Sansão. Amabilidade urbana: A qualidade do espaço-tempo da intervenção temporária. **Cadernos PROARQ**, Rio de Janeiro, n. 17, dez 2011. Disponível em: <https://cadernos.proarq.fau.ufrj.br/public/docs/cadernosproarq17.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2023.

GEHL, Jan. **Cidade para pessoas**. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.

GREEN, James N. **Além do Carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX**. 2ª ed. São Paulo: UNESP, 2019.

HARVEY, David. **Cidades Rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

JACOBS, Jane. **Morte e Vida de Grandes Cidades**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

JACQUES, Paola Berenstein. Breve histórico da Internacional Situacionista – IS (1). Arqutextos, São Paulo, ano 03, n. 035.05, **Vitruvius**, abr. 2003. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arqutextos/03.035/696>. Acesso em: 10 fev. 2023.

KERN, Leslie. **Cidade feminista: a luta pelo espaço em um mundo desenhado por homens**. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2021.

QUINALHA, Renan. **Movimento LGBTI+: uma breve história do século XIX aos nossos dias**. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

PERLONGHER, Néstor. **O negócio do michê - prostituição viril em São Paulo**. São Paulo: Ed. Brasiliense. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1987.

PUCCINELLI, Bruno. **Perfeito para você, no centro de São Paulo : mercado, conflitos urbanos e homossexualidade na produção da cidade**. Tese (doutorado). Universidade de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas: 2017.

SERPA, Angelo. **Espaço público e acessibilidade: notas para uma abordagem geográfica**. Revista GEOUSP – Espaço e Tempo, São Paulo, n.15, p.21-37, 2004.

SILVA, Andréa Lima da; SANTOS, Silvana Mara de Moraes dos. “O sol não nasce para todos”: uma análise do direito à cidade para os segmentos LGBT. **Ser Social**, Brasília, v. 17, n. 37, 2016. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/SER_Social/issue/view/1211. Acesso em: 05 mar. 2022.

SIMÕES, Júlio Assis; FRANÇA, Isadora Lins. Do “gueto” ao mercado. **Homossexualismo (sic) em São Paulo e outros escritos**. São Paulo: Ed. Unesp, 2005.

SOLDI, Dimas. Pandemia e insegurança levam ao fechamento de lojas em São Paulo. **Agência Brasil**, São Paulo, 15 de Abril de 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-04/pandemia-e-inseguranca-leva-m-ao-fechamento-de-lojas-em-sao-paulo>. Acesso em 18 mar. 2023.

VICENTE, Tiago Augusto Silva. Espaço Urbano e Sexualidade: **A Territorialização da População LGBT no Largo do Arouche e na rua Frei Caneca (São Paulo)**. TCC, Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo: 2015.

Contatos: whoiamyuri@gmail.com e debora.sanches@mackenzie.br